

A TRADUÇÃO DE REGISTROS CULTURAIS DA LINGUAGEM FALADA

Helga Guttenkunst Prade*

Para que a literatura tenha efeito de real, ela não pode perder o contato com a língua falada nas mais diversas camadas sociais. Daí o emprego freqüente, no texto literário, de falares regionais, de dialetos e até mesmo de gírias. Esses vários tipos de linguagem caracterizam o "milieu" das diferentes camadas sociais de uma determinada época. O autor, no momento em que faz uso da linguagem como expressão da cultura do meio que deseja retratar, dá um colorido todo especial à sua obra.

Tratando-se de uma investigação sobre a tradução da linguagem oral para outras línguas, teve-se o cuidado de examinar preferencialmente os diálogos contidos em obras literárias, levando-se em conta, também, fatores extralingüísticos como a época histórica, a situação geográfica e o meio social. Isso porque, segundo Charles Bailly "*a linguagem é um princípio de classificação social*."¹

A escolha dos textos recaiu em dois escritores brasileiros contemporâneos, Jorge Amado e Érico Veríssimo, de reconhecimento internacional, originários de regiões brasileiras diferentes e que, portanto,

* Professora visitante do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

¹ *Traité de Stylistique Française*. Genebra : Librairie George & Cie., 1913, p.10.

sofreram influências culturais diferentes. Essas diferenças culturais vão se manifestar justamente na fala de seus personagens.

Os diálogos mantidos entre grupos de pessoas oriundas de diferentes camadas sociais determinam o nível cultural de cada personagem.

A linguagem empregada por Gabriela, criação de Jorge Amado, é um exemplo típico de seu ambiente cultural e social.²

P. — Pra que? Pra passar necessidade? *Num* vale a pena. *Tu tem tua tenção*, vai cumprir teu destino...

... *Quero ir pro mato não.* (p.88)

I. — What for? To go hungry? You know you want; go and see if maybe God will give it to you...

... *I don't know for sure. I just know I don't want to go out in the country and plant cacao.* (p.95)

A. — Wozu? Um Not zu leiden? Das ist doch cinnlos. Du hast Pläne. Du sollst das tun, was dir bestimmt ist...

... *Ich will nicht in die Wildnis, nein!* (p.89)

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos tradutores é, justamente, atinente à tradução de termos da linguagem falada popular. Ele procura, ao traduzi-los, preservar a originalidade da obra, na tentativa de transmitir para a LA (Língua-Alvo) o mesmo colorido regional, através de outro vocabulário e de outros recursos lingüísticos. No exemplo acima os tradutores não conseguiram efetivar essa tentativa.

Grande parte dos falares populares contém vulgarismos, ou seja, erros de linguagem, como "tu tem" (no exemplo anterior) e "tu está", no exemplo a seguir:

P. — O que é que *tu ainda está dando prosa a estranho, mulher?* Manda o homem embora antes que eu me zangue. (p.61)

I. — Why are you still *jabbering* with that stranger, *woman*? Tell the man *to beat* it before I get mad. (p.61)

² Os exemplos seguidos da indicação das páginas foram extraídos da obra de Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela* (57.ed. Rio de Janeiro/São Paulo : Record, 1978) e respectivas traduções para o Inglês (*Gabriela, Clove and Cinnamon*. Trad. James Taylor/William Grossmann. New York: Avon Books, 1974) e o Alemão (*Gabriela, wie Zimt und Nelken*. Trad. Gerhard Lazarus/Niklas E. A. Reinbek bei Hamburg, 1966).

- A. — *Was schwatzt du da mit einem, den du nicht kennst? Sag dem Kerl, er soll abhauen, berfor mir der Kragen platzt.* (p.60)

Esses vulgarismos não puderam ser transmitidos para as traduções, devido às características próprias das línguas-alvo, o que na verdade acabou empobrecendo as traduções.

No entanto, os leitores das LAs conseguem identificar o nível cultural da pessoa que fala, através dos termos usados pelos tradutores, que Newmark³ considera como "equivalente cultural": "dar prosa" foi traduzido por "jabbering" e por "schwatz", em vez de "talking" e "sprichst", que são termos da língua padrão culta. Os outros termos usados nas LAs, como "Kerl", "abhauen", "to beat it", "be for mir der Kragen platzt", também permitem perceber o nível cultural da pessoa que fala.

Mas nem sempre o tradutor consegue o mesmo efeito, como se pode verificar no exemplo a seguir:

- P. — Não pare de tocar senão vão *arreparar*. (p.86)
I. — Don't stop playin' or *they'll notice us*. (p.93)
A. — Spiel weiter, sonst *werden sie auf uns aufmerksam*. (p.86)

O termo "arreparar", do linguajar caipira, não é empregado por pessoas de nível cultural mais elevado. Mas este fato passa despercebido nas traduções: "they'll notice us" e "sie werden auf uns aufmerksam" são expressões que fazem parte da língua padrão, podendo ser usadas por pessoas de todos os níveis culturais.

Quanto mais popular o termo usado pelo autor da LF (Língua-Fonte), maior o grau de dificuldade enfrentada pelos tradutores. Veja-se o exemplo a seguir:

- P. — Ciumento... *Por dá cá essa palha faz um fuzê medonho...* (p.61)
I. — He gets jealous *about the least little thing*. (p.61)
A. — Eifersüchtig ist er. *Um nichts und wieder nichts macht er einen Höllenspektakel*. (p.59)

³ NEWMARK, P. *Approaches to Translation*. Oxford : Pergamon Press, 1984.

Por tratar-se de expressão idiomática de caráter regional, os tradutores procuraram, através da equivalência de sentido, empregar nas LAs um registro correspondente. A diferença, no entanto, ficou de fato em quem costuma usar essas expressões idiomáticas. Ambas usadas nas LAs são de caráter popular mas não regional.

Como já foi dito, a linguagem empregada por um indivíduo é o caminho que leva a identificar seu "milieu". Expressões como "*Deu-me vontade de ficar para construir alguma coisa. Não sei se você me compreende*" (p.71), são típicas de pessoas provenientes de um meio social mais elevado. A frase foi dita por Mundinho Falcão, que era rico, oriundo de família importante nos negócios e na política. Serafim da Silva Neto a classificaria como pertencente à "*linguagem corrente falada, praticada entre pessoas da classe média, dotada de certa instrução, quer adquirida diretamente, quer pelo convívio nesse meio.*"⁴ É o tipo de linguagem que não apresenta maiores problemas na tradução.

I — I felt I had to stay and build something constructive. I don't know if I make myself clear. (p.75)

A. — Und so habe ich mich entschlossen zu bleiben, um etwas aufzubauen. Ich weiss nicht, ob Sie mich verstehen. (p. 72)

Para diferenciar registros culturais das duas regiões dos escritores em questão, seguem alguns exemplos extraídos da obra de Érico Veríssimo, que evidenciam outras influências culturais.⁵

P. — Agora *vassuncê* espera aí fora — diz a mulata.
Não seja boba, quero ajudar também. (Maria Valéria)
Mas *vassuncê* é uma moça solteira!
Você também é! (p.68)

I. — Now *you* wait outside, says the mulatta.
Don't be a fool! I want to help, too.

⁴ *A Língua no Brasil*. Rio de Janeiro : INL, 1970. p.19.

⁵ Os exemplos seguidos da indicação das páginas são da obra de Érico Veríssimo, *O Continente* (Porto Alegre : Globo, 1977) e respectivas traduções para o Inglês (*Time and Wind*. Trad. L. L. Barrett. New York: Greenwood Press, 1951) e o Alemão (*Die Zeit und der Wind*. Trad. Ernst Doblhofer. Wien: Paul Neff Verlag, 1954).

But *you're* an unmarried girl!
(não foi traduzido) (p.65)

- A. — *Ihr* müsst jetzt draussen warten, bedeutet ihr die Mulattin.
Sei nicht so dumm! Ich will auch helfen.
Aber *Ihr* seid ein lediges Mädchen.
(não foi traduzido) (p.74)

Maneco Terra, modesto agricultor, ao dirigir-se a Pedro Missioneiro:

- P. — Como é o nome de *vosmecê*?
Meu *nombre* é Pedro. (p.82)
- I. — What is *your* name?
Mi nombre es Pedro. (p.78-79)
- A. — Wie heisst *du*?
Mi nombre es Pedro. (p.88)

Vassuncê, *vosmecê* — algumas das muitas variações do atual *ocê*, derivado de *Vossa Mercê*, pronome de tratamento formal, hoje em desuso, que indicava respeito. Tanto que, no primeiro exemplo, a variação popular *vassuncê* está sendo usada por uma criada ao dirigir-se a pessoa da família de seus patrões; esta, por sua vez, trata a criada por *ocê*, tratamento mais informal. Na tradução para o inglês, essa distinção social não aparece na LA pelo fato de o tradutor ter que empregar sempre o pronome de tratamento *you* pela inexistência de outros pronomes que possibilitam diferenciar o tratamento formal do informal.

O tradutor alemão optou pelo pronome de tratamento *Ihr*, hoje substituído pelo pronome de tratamento formal *Sie*. No entanto, a variação *Ihr* como pronome de tratamento ainda é encontrada hoje em dia, em regiões de colonização alemã, quando um agricultor dirige-se a um visitante ou uma pessoa da cidade.

No segundo exemplo, o tradutor alemão empregou o pronome de tratamento *du* para traduzir *vosmecê*, talvez devido a fatores extralingüísticos: idade, sexo, hierarquia, marcados pelo contexto, ou no caso do chefe da casa ao dirigir-se a um jovem desconhecido.

Um registro cultural marcante no segundo diálogo, a resposta de Pedro, num português misturado com espanhol, típico de pessoas que vivem em cidade da fronteira, passou despercebido pelos tradutores, pois acabaram vertendo toda a resposta de Pedro para a língua espanhola.

P. — Chegue sua cadeira pra cá, doutor! — convidou o juiz de direito, dirigindo-se ao médico. Faz tempo que não trocamos idéias. É! Faz tempo.

Sinto muito não ter uma boa cerveja pra oferecer ao amigo.
(p.373)

I. — Bring your chair over here, Doctor — the judge invited, addressing the physician. We have not exchanged ideas for some time. That's it. For some time.

I'm mighty sorry not to have a good beer to offer my friend.
(p.347)

A. — Bringt Euren Stuhl hier herüber, Doktor, lud der Richter den Arzt ein. Wir haben schon geraume Zeit keinen Gedankenaustausch mehr gepflogen. Ja, ja. Schon geraume Zeit nicht mehr.

Tut mir aufrichtig leid, meinem Freund kein Glas Bier anbieten zu können. (p.370)

Nesses exemplos, pode-se verificar que a tradução de diálogos expressos em linguagem culta apresenta menor grau de dificuldade para o tradutor, desde que as concepções sejam comuns em ambas as culturas, a da LF e a da LA.

O tratamento é diferente, no entanto, quando o tradutor se vê diante de expressões provenientes de uma cultura mais específica. Nesse caso o tradutor precisa buscar informações extralingüísticas, ou até mesmo, procurar conviver por um certo período de tempo no meio cultural da LF para, antes de mais nada, conseguir interpretar e assimilar a mensagem cultural aí veiculada.

P. — Sente-se, sente-se, disse o médico, mostrando uma cadeira.

Toma um mate?

Aceito.

Henrich Heine!

Senhor!
Vá fazer um mate. Schnell!
Jawohl. (p.484)

I. — Sit down, sit down, said the physician, indicating a chair.
Have a mate?
I accept.
Henrich Heine!
Sir!
Co brew a mate. Schnell!
Jawohl. (p.450)

A. — Setzt Euch, setzt Euch, sagte der Arzt und wies auf einen
Stuhl. *Ein mate gafällig?*
Ich sage nicht nein.
Heinrich Heine!
Herr!
Geh, brau einen mate. Schnell.
Jawohl. (p.477)

"Tomar um mate" faz parte da cultura gaúcha e tem por trás toda uma cerimônia, desde o preparo do chimarrão até a maneira de tomá-lo. O leitor da obra original, conhecedor da cultura gaúcha, com suas influências estrangeiras — no exemplo, a influência do imigrante alemão — não terá dificuldade maior em compreender todo o diálogo mantido entre Karl Winter, o médico alemão, e seu ajudante, que ele denomina afetivamente de Heinrich Heine.

Os leitores das LAs, no entanto, tendo em mãos apenas a obra traduzida, nada disso poderão assimilar, pois a concepção "tomar um mate", com toda sua bagagem cultural implícita, é-lhe totalmente estranha.

Como ficou demonstrado, expressões populares e "erros de linguagem" constituem as maiores dificuldades para os tradutores. A impossibilidade de manter esses registros culturais nas traduções acaba empobrecendo as obras traduzidas, privando-as do sabor que lhes é próprio.

Segundo W. Humboldt, este problema leva o tradutor à

*tentativa de solucionar uma tarefa impossível. Pois, o tradutor fracassará sempre diante de uma das barreiras: ou vai manter-se muito próximo do original às custas das tendências e da língua de seu povo, ou vai prender-se demais às peculiaridades de seu povo, às custas do original. Em ambos os casos a solução não é apenas difícil, mas sim impossível.*⁶

Além da necessidade de possuir profundo conhecimento das línguas com que trabalha, o tradutor precisa ocupar-se mais profundamente ainda com os fatores extralingüísticos, pois são esses que permitem a verdadeira compreensão dos mais diferentes registros lingüísticos. Essa problemática não passa despercebida pelos teóricos da tradução. Ao referir-se à questão, Ortega y Gasset afirma que uma obra traduzida

*não é a mesma obra com vocabulário modificado, nem deve mostrar tendências para tal. Eu poderia afirmar que a tradução nem sequer pertence ao mesmo gênero literário da obra traduzida (...), porque a tradução não é a obra, mas sim um caminho para a obra.*⁷

⁶ IN: KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg/Wiesbaden: Quelle & Meyer, 1987. p.134. Tradução minha.

⁷ *Elend und Glanz der Übersetzung* München: dtv, 1987. p.65. Tradução minha.